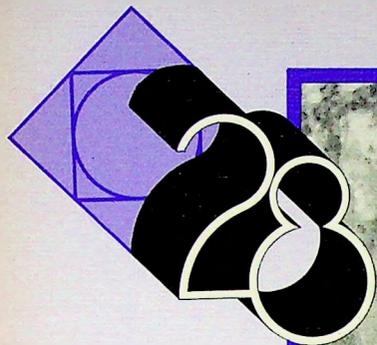


Projeto



VOLUME 7



mobral

Tocaia

A espreita de um futuro

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
João Figueiredo

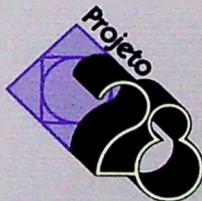
MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Esther de Figueiredo Ferraz

PRESIDENTE DO MOBRAF
Claudio Moreira

Ministério da Educação e Cultura - MEC
Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus - SEPS
Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL

Tocaia

A espreita de um futuro



Rio de Janeiro
1984

Impresso no Brasil/Printed in Brazil
© 1983 — Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral

Departamento de Comunicação
Rua da Alfândega, 214 — CEP 20070
Rio de Janeiro - RJ

Coordenação do Mobral do Piauí
Rua 24 de Janeiro, 248-N - Centro
Teresina — PI — CEP 64000
Tels.: (086) 222-3403 — 222-8591



Coleção Projeto 28

- 1 — Barreirinho, verde vale de brancas rendas
- 2 — Serra do Talhado, o barro vermelho da serra negra
- 3 — Povoado de Saúde, exemplo de espírito comunitário
- 4 — Areias de Vila União, uma esperança de vida
- 5 — Vila São Francisco, novos rumos para uma vida
- 6 — Bom Jardim, dez mulheres missionárias da saúde
- 7 — Tocaia, a espreita de um futuro

FICHA CATALOGRAFICA

(Preparada pela Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização — Dimap/Sedoc)

F 981 Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização
Tocaia, a espreita de um futuro.
Rio de Janeiro, 1984.
16p. ilustr. 21cm (Coleção Projeto 28, 7)

1. TOCAIA-HISTÓRIA. I. Série. II. Título.

84/2

CDU: 981 (812.22)
CDD: 981.812

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1825, de 20 de dezembro de 1907.

Apresentação

Tocaia, a vontade de viver

Dentro de uma paisagem que reflete desolação e calma, vive um grupo simples de humanos que encara a vida como uma necessidade de desvendar os mistérios e os milagres de sobrevivência. Uma pobreza repleta de coragem pela perspectiva de mudança. Uma consciência de viver, juntar as forças na busca de melhores dias. Tocaia. Um pedaço do Piauí, uma parte do Nordeste. Buritzal, carnaubal, tucunzal, babaçal... formam a pequena paisagem verde deste lugarejo encravado no interior do Município de Piripiri. Seus habitantes lá vivem como vive o nordestino, cuja razão para lutar é a própria vontade de viver.

Do ponto de vista social, os habitantes de Tocaia dão exemplo de como ainda é possível no mundo de hoje viver em

grupos primários — familiar e o de vizinhança — e assim ter uma participação ativa na comunidade, pois é participando que seus moradores preparam e cuidam da roça, organizam e fazem funcionar sua farmácia, sua horta e até melhoram suas moradias. É um modo de vida dinâmico pela descoberta de viver em grupo, e é procurando valorizar ainda mais essa comunidade que o Mobral, através da metodologia dos seus diversos programas e projetos, vem contribuindo para a consolidação da vontade da gente de Tocaia, que é a vontade de viver, vida que se confunde com educação, num árduo e corajoso processo de transformação.

Pedro Vasconcelos Filho
Coordenador do Mobral no Piauí

Tocaia, esconderijo

A paisagem é árida. Talos e árvores ressequidos, pontiagudos, cinzentos, a areia dos leitos secos dos rios misturando-se à areia branca da estreita estrada que conduz a Tocaia denunciam o longo período de estiagem.

Tocaia se esconde a sete quilômetros da estrada que liga Piripiri a Pedro II. Ali, no silêncio do cerrado, envoltas no calor intenso, moram 160 pessoas em 30 casas dispersas ao longo do caminho. Distâncias. Famílias

numerosas, pessoas comuns que se esquecem em sua sina. O trabalho nas roças rudes, as tardes morosas, as noites de espreita.

Numa certa tarde, em 1980, uma equipe do Mobral, em suas andanças, fazendo o diagnóstico das necessidades do município, descobriu esta localidade, encravada no solitário agreste do Piauí.

— Pai, corre lá em casa que tem gente!

— Quem?

— Sei não, uns home gordo.

— Vamos ver quem é. Não tou devendo a ninguém, não preciso ficar nervoso.

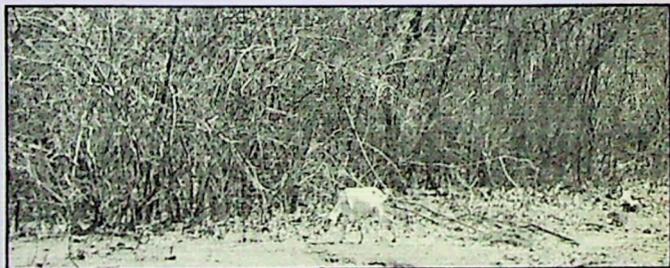
Foi assim que Seu Morais entrou em contato com o Mobral. Seu Morais, aliás Miquel de Oliveira Barros, é

chamado desta forma por questão de tradição. Seu avô era conhecido por Morais e, para homenageá-lo, seu pai resolveu batizá-lo de Miguel e chamá-lo de Morais.

Chegando a casa, Seu Morais encontrou os agentes do Mobral, que ali estavam para fazer o diagnóstico das necessidades do local. Ficou evidenciada a necessidade de uma classe de alfabetização. Mas seu Morais não se interessou muito, já sabia ler e escrever: "Na ilusão de enriquecer, não queria perder tempo com nada". Por insistência da mulher, inscreveu o nome da família.

A esposa de Seu Morais, D. Luíza, escapou para Piripiri e, escondida, foi

Na paisagem, o contraste



O clima é quente e úmido, com temperatura máxima de 38 graus e mínima de 23 graus.

As extensas áreas de carnaúba, babaçu e buriti, árvores típicas da região, convivem com a aridez da paisagem na vegetação de cerrado.

No coração de Tocaia, um oásis escondido.

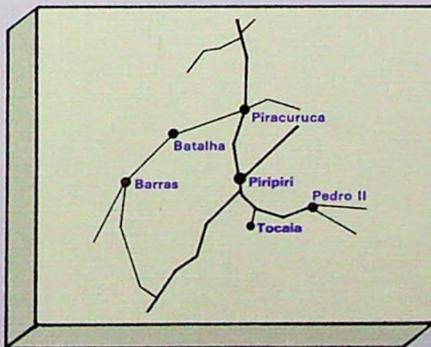
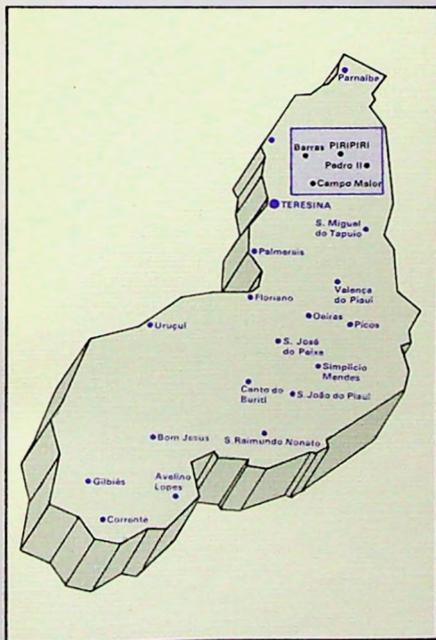
falar com o supervisor de área do Mobral, Antônio Neto, reafirmando o seu pedido. Logo depois, houve o chamado para o treinamento de alfabetizadores na Comissão Municipal de Piripiri. Com o empurrãozinho de D. Luiza, lá se foi Seu Morais. E é ele quem nos conta como foram aqueles dias em 1980:

— Quando cheguei, éramos 118 alfabetizadores. Vi meus colegas e teve aquele entrosamento e eu gostando. Muitas coisas, muitos negócios e eu procurando desenvolver. Sabia pouco como até hoje sei, mas senti o gosto do negócio, senti que ali tinha um tempero, um sabor. Saí depois dos cinco dias cheio de material, de

novidade. E eu ligado. Não gosto de me interessar por uma coisa, que eu me sinto responsável e quero dar conta daquilo.

Ao voltar a Tocaia, começaram as reuniões com os parentes e vizinhos. Em seguida, foi instalada a primeira classe de Alfabetização Funcional, à noite, na varanda da casa de Seu Morais. Ele havia realmente identificado o tempero e, através dos cartazes geradores com as palavras roça, terra, arado, as pessoas passaram a discutir seus problemas principais. Só que as soluções, a partir de agora, deveriam ser encontradas em conjunto. Após muita conversa, com a participação do supervisor de

área do Mobral, o grupo buscava um espaço que fosse de todos. Surgiu a idéia de se construir um galpão, como ponto de encontro, onde seriam realizadas as aulas de alfabetização e o culto dominical. Mas como fazer, se não havia dinheiro? Em mutirão, homens, mulheres e crianças começaram a trabalhar. Quem sabia fazer tijolos ficava na olaria. Uns carregavam o barro, outros amassavam. As telhas foram obtidas com a ajuda da Igreja. Através do supervisor de área, a Prefeitura doou o cimento. Para o serviço de carpintaria, uma idéia original: contratar um carpinteiro de fora que faria as refeições cada dia na casa de uma



Tocaia pertence ao Município de Piripiri. Encravado na zona carnaubeira, ao norte do estado, Piripiri está a 168km de Teresina. A agropecuária é a maior fonte de renda do município, que abastece os centros urbanos menores.

família, que seria também a responsável pelo pagamento do dia de serviço. Junto com o galpão, estava sendo construída, tijolo por tijolo, a comunidade de Tocaia.

O trabalho em mutirão fez germinar a semente comunitária na pequena Tocaia. A família de Seu Moraes, que imediatamente entendeu o valor do trabalho comum, estava agora maior. Todos os moradores sentiram-se irmanados e tinham um papel a cumprir. Surgiram, então, as reuniões de sábado à noite, quando os problemas do grupo eram discutidos e as atividades da semana seguinte programadas.

A habilidade com que o carpinteiro

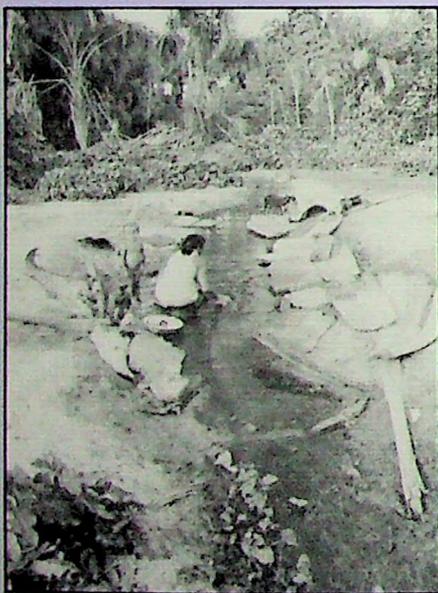
transformava pedaços de madeira em objetos animou-os a pedir um curso de carpinteiro do Programa de Educação Comunitária para o Trabalho — Petra —, do Mobral. Através do curso, foram feitos bancos e mesas para o galpão e para as casas, além da construção de carroças para transportar água.

A classe de alfabetização continuava. Certa vez, ao verem o cartaz gerador com a palavra fossa, eles perceberam que não tinham fossas em suas casas. Chamaram o Antônio Neto, que lhes explicou a importância dos hábitos de higiene, introduzindo o Programa de Educação Comunitária para a Saúde — PES. Começava a campanha de

construção de fossas e aquisição de filtros de água. Mais uma vez, a comunidade recorre a frei Claudio, da paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, que financia a compra das pedras e dos filtros. Foi criada também uma pequena farmácia comunitária. A comunidade queria ampliar seus caminhos. Nada mais natural, então, do que melhorar a estrada que dá acesso a Tocaia. Após o mutirão, um caminhão de uma localidade vizinha passou a entrar por Tocaia, de 15 em 15 dias, facilitando a viagem para Piripiri.

Ávido por informações, Seu Moraes traz da Comissão Municipal o jornal *Ação Comum* (publicação mensal do

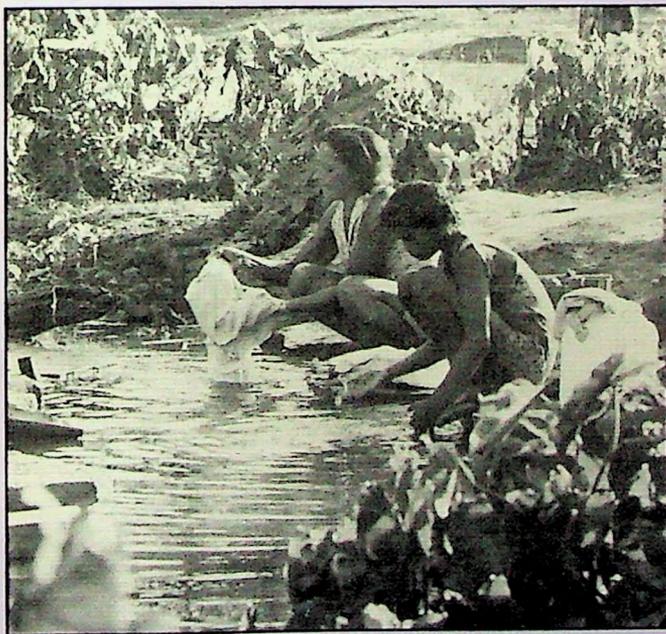
A presença da mulher



Mobral que circula entre as Coordenações e as Comissões Municipais). Após a leitura atenta do jornal, as informações são debatidas pela comunidade, que busca extrair dali melhorias e novas técnicas que possam ser aplicadas em sua vida cotidiana. Mas Seu Morais não pára. Olhos azuis fixos, mas que enxergam à distância, mãos calejadas pela enxada, firmes. Consciente de sua liderança e da transformação por que passa Tocaia, busca mais conquistas, sem esperar ou depender de soluções alheias. O entusiasmo de Seu Morais contagiara a família, que queria colaborar dentro desse espírito comunitário — quem

sabe mais ensina a quem sabe menos. Agora, mais cursos do Petra. Maria de Lourdes Tranqueira foi a monitora de dois cursos de corte e costura, um para 20 alunas e outro para 15. As mulheres agora já podem costurar para as próprias famílias. O curso de bordado à mão foi dado pela irmã de Seu Morais, Maria Altiva Barros, em 1981, atraindo pessoas de localidades próximas para as aulas. Os trabalhos eram vendidos nas feiras de artesanato de Piripiri, promovidas pelo Mobral. Na etapa seguinte, a terra. O curso de horticultura, dado pela Emater, com o apoio do Mobral, ensinou como melhor aproveitar o solo, irrigá-lo e plantar canteiros suspensos. Era

preciso aprender a tirar o máximo da terra. Com exceção de Seu Morais e de seus dois irmãos, que herdaram do pai um pedaço de terra, os moradores de Tocaia não são donos do chão em que vivem, de propriedade de um médico de Piripiri. O terreno é arrendado, e parte da produção é dada como pagamento ao proprietário da área. Apesar de possuir seu terreninho e saber ler e escrever, Seu Morais não busca benefícios só para si. Tudo o que chega ao seu conhecimento é imediatamente transmitido à comunidade. Não foram necessárias muitas reuniões para que se iniciasse o trabalho comunitário nas hortas. Primeiro, foi



As mulheres são parte fundamental na transformação de Tocaia. Elas cuidam da casa, da família e, além disso, são responsáveis pelas

hortas caseiras, pelo preparo da merenda para as crianças do Pré-Escolar, integram o grupo de discussão, participam do culto

dominical e dos vários cursos de profissionalização oferecidos pelo Mobral, quer como monitoras, quer como alunas.

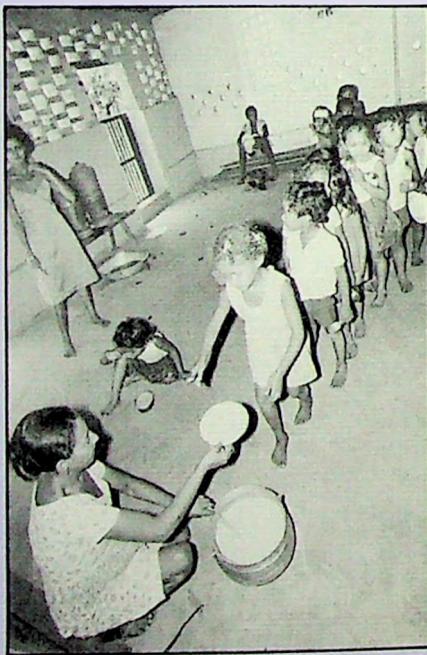
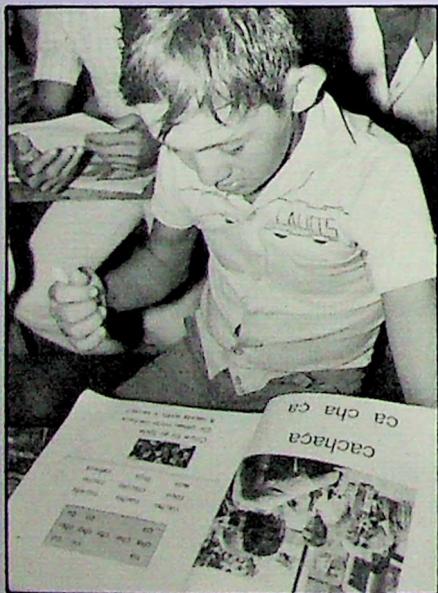
escolhida uma área grande para a roça comunitária do povo de Tocaia. Ali, todos preparavam a terra para o plantio. Em seguida, partiu-se para o trabalho na pequena roça da casa de cada um, o que era determinado nas reuniões de sábado. O suor compartilhado, o prazer da comunhão de seu fruto.

Tocaia, encontro

Tocaia agora se pertencia. Todos estavam integrados e tinham uma função, uma contribuição a dar. O galpão, imagem sólida da aliança de Tocaia, abrigava seus encontros. Pela manhã, 30 crianças se reúnem no Grupo de Atendimento ao Pré-Escolar, que funciona há dois anos, sob o olhar carinhoso, mas atento, de Cristina, monitora da Pré-Escola, filha mais velha de Seu Moraes e de D. Luiza. Cada dia, uma mãe da comunidade fica responsável pela preparação da

merenda das crianças. À tarde, mais 32 crianças cursam no galpão, que é também escola municipal, as quatro primeiras séries do 1º grau, com a profa. Maria de Nazaré, 20 anos, filha de Seu Moraes. À noite, os adultos vão chegando e, pela luz de dois lampiões, descobrem os mistérios das palavras na classe de alfabetização. Mensalmente, Seu Moraes e Cristina seguem para a reciclagem na Comissão Municipal do Mobral, e Nazaré para a reciclagem em um órgão municipal de educação, em Piri-piri. Aos sábados, os mais velhos falam sobre o que foi feito durante a semana e o que será feito na semana seguinte, determinando as tarefas de

Educação, a semente



Pela manhã, no galpão construído em mutirão pela comunidade, funciona o Pré-Escolar, um dos pioneiros na região. À tarde,

a escola municipal; à noite, a classe de alfabetização. Através da educação, Tocaia busca seus caminhos e traça seus destinos.

cada um e discutindo o que pode ainda ser melhorado. Aos domingos, às três horas da tarde, Antônio Cosme da Silva e Domingos Viana, responsáveis pelo culto dominical, reúnem toda a comunidade para rezar e cantar. Eles já podem acompanhar as orações nos folhetos da Igreja e ler o Evangelho. O analfabetismo está quase erradicado em Tocaia.

Periodicamente, Seu Morais solta um foguete (fogos de artifício) para avisar a todos que venham porque o supervisor Antônio Neto chegou para conversar, ouvir e contar as novidades. Nas localidades vizinhas, as pessoas já sabem: Tocaia hoje está com visita.

Tocaia, estio

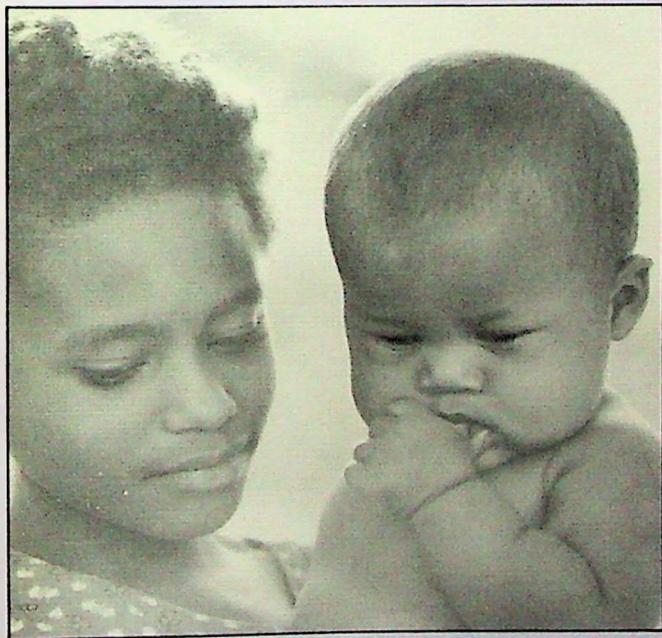
Céu rubro. Som de passos que pisam gravetos. Em silêncio, os homens caminham. São cinco horas da manhã, e eles seguem, avançam os 12 quilômetros da estrada tortuosa que os leva à frente de emergência.

A seca chegou. A vegetação está queimada. Os animais, enfraquecidos. Os homens, exauridos. O sol, implacável.

Em Tocaia, todos os homens, com exceção dos mais idosos, estão trabalhando nas frentes de emergência, que eles chamam simplesmente de emergência. São dois

grupos: um trabalha de segunda a quarta-feira; o outro, de quinta-feira a sábado. O trabalho começa às sete horas da manhã e vai até as cinco da tarde. O almoço, às 11 horas, é feito ali mesmo, com um punhado de feijão e arroz, trazido de casa e cozido no local por uma mulher contratada pela frente, a merendeira. Seu Morais, os filhos, parentes e companheiros cavam, com pás e picaretas, um grande açude numa vasta propriedade. O lugar é deserto, o calor constante. Não há casas por perto.

Este ano, a rotina foi um pouco alterada em Tocaia pela longa estiagem. A pouca chuva veio pela última vez em abril. O sustento é tirado



dos 15 mil cruzeiros ganhos, ao final de cada mês, na frente de emergência. As aulas de alfabetização foram antecipadas para as sete horas da noite. A horta comunitária teve que ser temporariamente abandonada. A água passou a ser uma palavra na boca de todos. Nas reuniões de sábado, que prosseguíam, buscava-se uma forma de tirar água daqueles poços secos. Mais uma campanha volta a unir os moradores de Tocaia: aprofundar os poços já existentes e cavar novos. Com a orientação de Antônio Neto e recursos do Mobral, foram compradas ferramentas e pedras para os poços. O trabalho teria que ser feito nos fins de semana, mas não fazia mal trabalhar

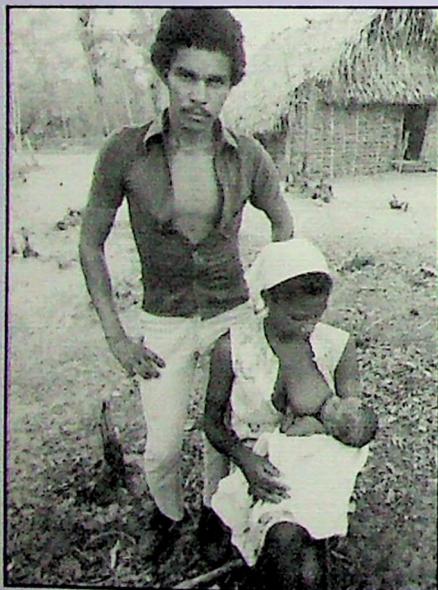
no domingo, era um trabalho comunitário. Tocaia também tem seus mistérios. Quem penetra por aquele caminho seco não pode imaginar que, a uma distância não muito grande dali, exista um minador de água, o olho-d'água do Félix. O minador, onde a água brota, corre por um estreito riachinho e vai dar num pequeno lago. A vegetação chega a ser exuberante, plantas aquáticas rodeadas por um buritizal. Um oásis escondido. Ali, as pessoas se banham, as mulheres lavam a roupa, e as crianças brincam. Com a estiagem, a água secou bastante, mas não totalmente. Em Tocaia, a vida insiste em brotar.

Tocaia, raízes

Quase todos os moradores nasceram em Tocaia e nunca migraram. Alguns de fora casaram com pessoas em Tocaia e foram morar na comunidade. Uns poucos saíram para tentar a sorte no Sul, mas acabaram voltando. Outros nunca saíram nem querem sair, apesar das dificuldades.

— Meu nome é Raimundo da Silva, tou dentro de 87 anos. Fui um dos primeiros a chegar. Antigamente, aqui era muito bom, muito inverno. Era água muita, fartura do peixe. Sou da era do 15, pouca gente do meu tempo

Olhar, a marca da fé



Tocaia é uma comunidade que, aparentemente, é igual a tantas outras que encontramos no interior do estado. A diferença está no grau de integração, da consciência despertada pelo seu líder, Seu Moraes (foto acima). O Mobral, não só pela oferta de programas educacionais, mas, principalmente, pela

metodologia de ação comunitária, provocou esse modo de viver naquela gente que, discutindo, tenta resolver seus problemas cotidianos. A cada etapa vencida, a cada nova campanha, foi crescendo a força do trabalho naquelas pessoas, simples, mas determinadas.

se lembra do 15 (1915). Foram seis anos de seca em seguida, como tamo agora, esperando por um inverno que ninguém sabe. Aqui em Tocaia eu gosto do pessoal e da minha vida porque ainda tenho. Da cidade eu gosto de ir e voltar. O trabalho junto tá muito bom. Se não fosse esse trabalho, o que era da pobreza? Esse negócio de antes já se passou, e nós tamo vivendo é agora. Tudo o que a gente faz de hoje em diante é melhor pra nós.

— Me chamo Cosme Vicente da Silva. Nasci e me criei aqui e ainda hoje estou. Tou com mais de 70 anos. Nós fizemos tudo junto. Quando faltava

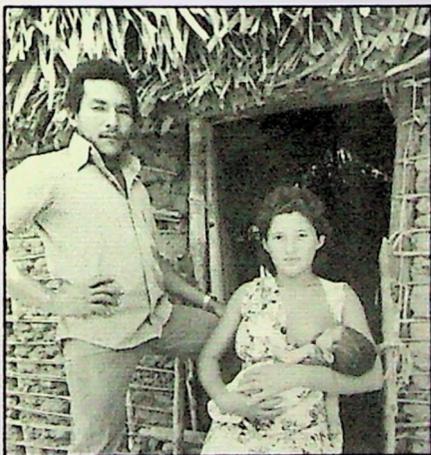
uma coisa, nós se reunia; não ia atrás de coisa lá em Piripiri não, fazia era o melhor aqui. Um dava um bocadinho, outro dava outro. A gente junto é que tá a força. Um só não faz nada.

— Meu nome é Antônio Luís, tenho 21 anos, sou filho do Moraes. Quando foi dia 18 de novembro de 80, eu fui dar uma volta no Rio de Janeiro. Fiquei seis dias desempregado e trabalhei numa construtora. Voltei em junho de 1982. Não tenho mais vontade de sair nem vou mais sair, de jeito nenhum. Que fique bom ou que não fique, é aqui mesmo todo o tempo. Prefiro aqui. Tou junto com os meus pais, irmão, tio e tudo. Trabalhava muito na

roça, agora tou na emergência. Enquanto tiver a emergência, eu tô lá. Assim a gente vai levando a vida.

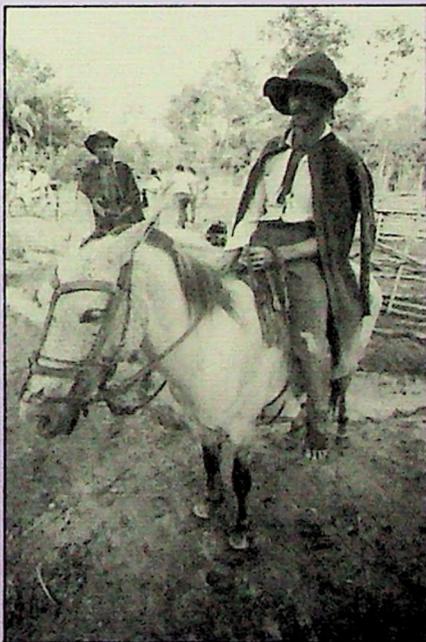
— Sou nascido e criado aqui na Tocaia. Na minha juventude não tinha dessas estórias de mudar para o Sul, depois eu também quietei. Aqui todo mundo trabalha junto, com satisfação, e tem dado certo. (Antônio Cosme da Silva, 43 anos, 10 filhos)

— Uma vez uns meninos tavam brincando perto de um olho-d'água, que fica aqui na região, e viram o santo. Correram para avisar os outros. Quando olhava lá pra dentro, via a imagem do santo. Era Santo Antônio.



Apesar de não serem donos do pedaço de chão em que vivem, os moradores de Tocaia são ligados à terra como se ela fosse a sua própria

existência. A maior parte deles nunca saiu de lá e os que migraram logo regressaram. Eles sabem que pertencem àquela paisagem.



Eu mesma vi, só dos peito pra cima. Muita gente foi lá e viu ele. Mas só via quem tem fé. (Luísa Maria da Conceição, 60 anos)

— A gente, trabalhando só, não tem força de nada. Junto, tem mais coragem. É só união que tem aqui, por isso ninguém quer sair. (Domingos Viana)

— Meu nome é Antônio Marciano Gomes. Casei em 51 e de lá pra cá eu moro aqui. Gosto muito do que acontece aqui. O trabalho tá correndo bem. Se tivesse inverno daria legume. A safra deste ano foi uns feijãozinho de moita. Mandioca, muito pouco. Acho

mesmo que para farinhar esse verão vindouro vai ser difícil. O trabalho comunitário é muito bom, vai com mais facilidade. Com ele, eu enxerguei, porque se tivesse tudo encolhidinho e tal tava muito pior.

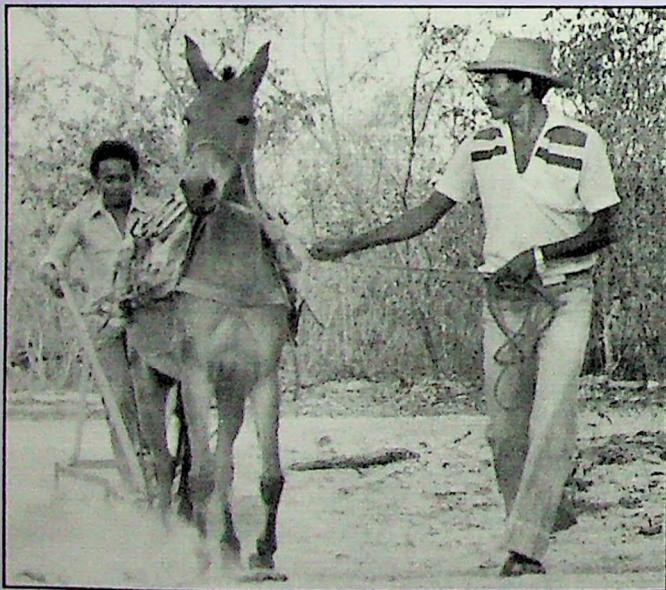
— Eu gosto mesmo é de trabalhar nos canteiros. Todo o tiquinho d'água é pra botar nas plantas. Tenho os meus canteiros cobertos: é cebola, coentro, tomate, alface. É pra gente comer e pra dar pra quem não tem. Quando o poço secou, o canteiro morreu. Mas eu replantei tudinho. (Maria de Lourdes Tranqueira)

— Tocaia é um canteiro: tudo o que se

planta dá. (Antônio Neto, supervisor de área do Mobral)

— Antes, Tocaia era só de tristeza. Não tinha nada, ninguém se conhecia, ninguém era responsável. Cada um cuidava de si. Lá só tinha assim o eu, nunca o nós. Na agonia e no sofrimento, cada um se virava, quem desse pra escapar, escapava. Agora não tem mais um individual, é comunidade. (Seu Morais)

Trabalho, fruto da comunhão



Através do trabalho conjunto, a comunidade se descobriu. Após o curso de horticultura, surgiram as hortas

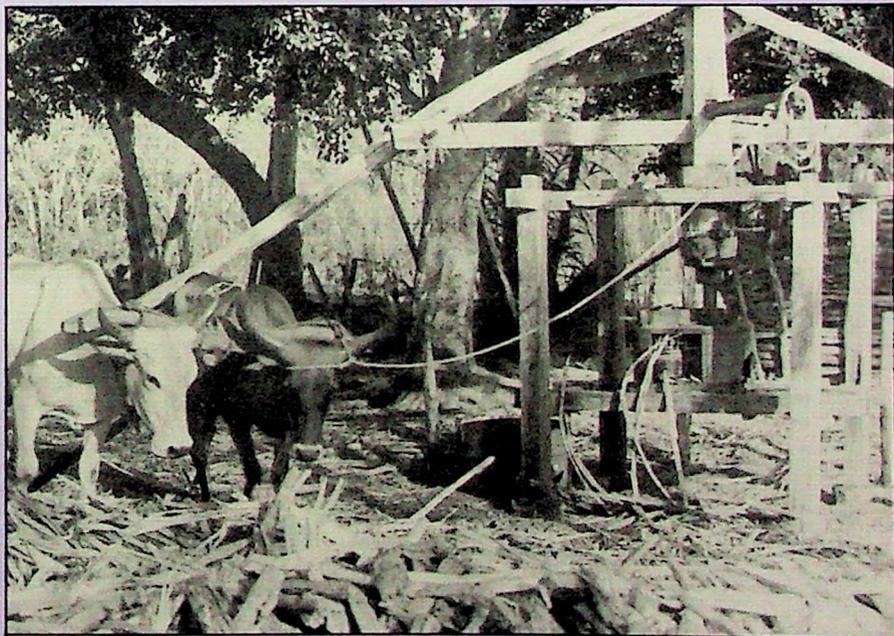
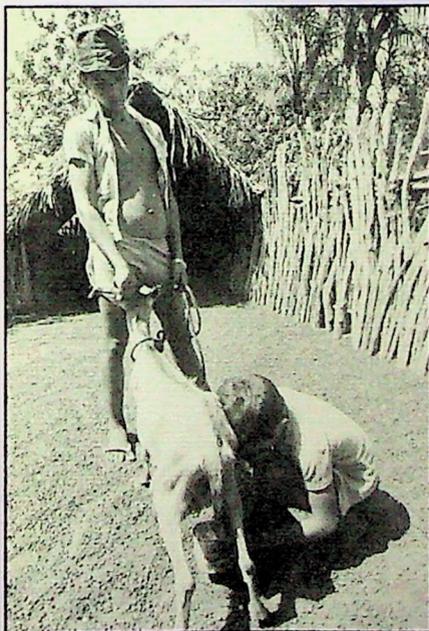
comunitárias, onde todos participam, desde a preparação do terreno até a colheita. Atualmente, devido

à seca prolongada, os homens se alistaram nas frentes de emergência para garantir o sustento de suas famílias.

Tocaia, rumo

Desde aqueles dias em 1980, quando Seu Moraes foi meio cabreiro para o treinamento de alfabetizadores do Mobral, em Piripiri, muita coisa mudou. Tocaia olhou para dentro de si e se descobriu. A cada etapa vencida, a cada nova campanha, novos programas do Mobral; crescia naquela gente, simples, mas determinada, a força do trabalho comunitário. Planos para o futuro sempre existirão. Ainda há muito o que viver, experimentar, descobrir e conquistar. O rumo é seguir em frente, a força está no caminhar. Neste momento, a

pequena Tocaia sonha com a construção de um poço tubular para a obtenção de água. E lá se vai Seu Moraes.



Anexo

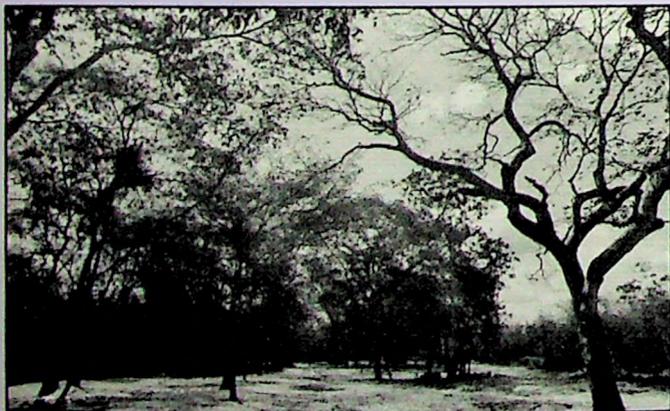
Localização

Piripiri está situada ao norte do Estado do Piauí, encravada na zona carnaubeira, a 168 quilômetros de Teresina. Possui 55 mil habitantes, com a densidade demográfica de 33,77 habitantes por quilômetro quadrado.

É servida pelas rodovias BR 343, 222 e 404 e pela Rede Ferroviária Federal (com uma estação ferroviária na zona urbana e duas na rural), que ligam Piripiri a Parnaíba (litoral), a Teresina e a São Luís, no Maranhão.

Clima e Vegetação

O clima é quente e úmido, com temperatura máxima de 38 graus e mínima de 23 graus. À noite Piripiri é agitada por uma leve viração de ventos que vêm do litoral.



Predominam os solos arenosos e a vegetação de cerrado, com extensas áreas de carnaúba, tucum, babaçu e buriti. Existem também árvores frutíferas, como os cajueiros e as mangueiras.

O rio Corrente, que separa Piripiri de Campo Maior, ao sul, é o de maior importância. Embora de regime temporário, ele não seca totalmente dentro da cidade no verão. A Cachoeira Grande, do riacho Conceição, a 15 quilômetros da cidade, possui uma queda de água de 20 metros que merece ser vista.

Religião

Os destinos de Piripiri sempre estiveram ligados à Igreja Católica, desde a sua fundação. No período de 6 a 16 de outubro, comemora-se a festa da padroeira Nossa Senhora dos Remédios, que reúne milhares de pessoas vindas da zona rural e de municípios vizinhos. O ponto máximo da festa é a

procissão do dia 16, quando a imagem da santa é carregada em carro aberto e ornamentado, percorrendo as principais ruas da cidade, seguida pelos fiéis, que iluminam o percurso com velas acesas.

Além da Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, Piripiri conta ainda com a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e mais 20 capelas.

Artesanato



Todo à base de fibras diversas, o artesanato local consiste de cestas, abanos, chapéus e sacolas de palha.

Periodicamente, uma exposição de trabalhos artesanais é promovida pelo Mobral, que também apóia um movimento dos artesãos para criar uma cooperativa de produção e comercialização de seus trabalhos.

Os artesãos de Piripiri têm por modelo a cooperativa do município vizinho de Pedro II. Lá, um expressivo artesanato de tecelagem, com a predominância de redes, tapetes, passadeiras e trabalhos em chôché, é exportado para a Europa e os Estados Unidos.

Música

O povo de Piripiri é muito alegre e expansivo. Qualquer reunião de amigos em casa ou nos bares transforma-se rapidamente em roda de samba, forró e até em seresta.

No mês de julho, os universitários de Piripiri, que estudam fora, promovem um festival de música regional dentro da Semana Universitária. Desde setembro deste ano, começou a funcionar a primeira estação radiofônica de Piripiri, a Rádio Itamarati. Embora a musicalidade esteja presente na expressão contagiante deste povo, não há uma manifestação característica do lugar.

Arquitetura e Urbanismo

Uma cidade aberta e ampla. Com suas ruas e praças bem traçadas, Piripiri é arborizada e extremamente limpa. A vida da cidade converge para a praça da Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, reconstruída em 1953. Com 11 avenidas, seis praças e 122 ruas, é abastecida de água pelo açude Caldeirão, a nove quilômetros de distância.

Os sólidos e belos casarões coloniais, com seus portões e tetos altos, convivem pacificamente com construções mais modernas, dando à cidade um toque acolhedor.

Comércio

Embora o setor primário represente a base da economia local, o comércio é bastante

desenvolvido. Segundo informações da Fazenda Estadual, as atividades comerciais são responsáveis por mais de um terço da arrecadação do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias — ICM —, no município. Piripiri abastece centros urbanos menores, como Pedro II, Batalha, Piracuruca e Domingos Mourão. O comércio, concentrado em volta do Mercado Público, possui 15 estabelecimentos atacadistas, 523 varejistas e 63 mistos.

Agropecuária

A agropecuária é a maior fonte de renda do município. As atividades rurais ocupam cerca de 16 mil pessoas em 1.800 imóveis rurais.

A população pecuária totaliza pouco mais de 100 mil cabeças, sendo 77% constituídas de rebanho bovino.

Os três principais produtos agrícolas são a mandioca, o arroz e o milho, que cobriram, em 1980, 93% do valor da produção. São cultivados também feijão, cana-de-açúcar, algodão e frutas, como banana, laranja, manga, caju, melão e coco-da-baía.

Pessoas — tipo físico



Ao percorrer as ruas da cidade, pode-se facilmente encontrar o componente colonizador português, os resquícios do índio nativo, o negro que se integrou à paisagem, a mistura homogênea e pacífica que gerou o caboclo brasileiro.

Personagens — tipos

A maioria das pessoas nasceu, se criou e ainda hoje lá está. Outros chegaram e não quiseram mais sair.

Memória viva da cidade, neto de seu fundador, Seu Pedro Freitas, 80 anos, fala com orgulho dos primeiros dias de Piripiri. A cada canto, cada esquina, Seu Pedro tem uma estória para contar. Comerciante, hoje aposentado, foi também vereador de Piripiri, de 1951 a 1955.

Dona Iaiá, também descendente do fundador, possui uma das mais tradicionais pensões de Piripiri. Hospitaleira, guardiã da cidade, acompanhou o crescimento e as mudanças do município. Dona Iaiá é a “madrinha” do Grupo de Atendimento ao Pré-Escolar de Tocaia, que leva seu nome e de quem recebe alguma ajuda.

Seu Machadinho, funcionário público, perpetua, através do som manhoso de sua gaita, a alma e o encanto das noites de Piripiri.



História

Na sesmaria de terras denominada Botica, o padre Francisco Domingos de Freitas, proprietário da Fazenda Piripiri, construiu, em 1844, sua residência e, ao lado, uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Remédios. Assim começou o povoado de Piripiri, nome indígena que significa capim ou junco, planta de haste ereta e flexível, comum nas

lagoas da região, utilizada para fazer esteiras.

Para acelerar o progresso na localidade, padre Freitas decidiu, em 1855, dividir a terra em lotes e doá-los a quem lá quisesse se fixar. Cinco anos após, o povoado era promovido a paróquia. Em 1910, devido à intensificação das atividades econômicas, Piripiri alcançou a categoria de cidade. Porém as precárias estradas não permitiam o escoamento rápido da produção. Foram necessários 14 anos para a construção do ramal ferroviário que ligaria Piripiri ao litoral. A historiadora Judith Santana relembra a emoção da primeira vez em que o trem chegou à cidade:

— No dia 11 de fevereiro de 1937, o trem entrou festivamente em Piripiri, trazendo uma grande comitiva e passageiros de Parnaíba. Dois contos de réis foram gastos nas festividades, que incluíram, além do baile, à noite, o tradicional batismo da máquina com champanha. Um espanto para a gente simples que se aglomerava no pátio da estação.

A partir daí, houve o rápido crescimento de construções públicas e privadas.

Bibliografia

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, 1959. v. 15, p. 585-9.

_____. *Informações básicas - Piripiri*. Rio de Janeiro, 1982. 10p.

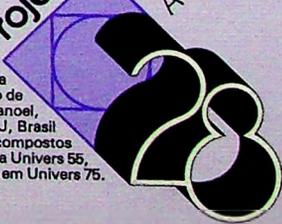
_____. *Piripiri - Paul*. Rio de Janeiro, 1982. 20p. (Col. de monografias, 625)

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL.
Piripiri. s. l., 1981. 57p.



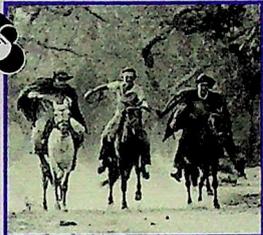
Projeto
Tocaia
A espreita de um futuro

Esta obra foi composta e impressa pela
Fundação Movimento Brasileiro de
Alfabetização — Mobral, na Rua Francisco Manoel,
111/115 - Benfica, Rio de Janeiro - RJ, Brasil
no primeiro trimestre de 1984. Os textos foram compostos
pelo sistema de fotocomposição na família Unifers 55,
corpo 10/11, e os títulos e subtítulos em Unifers 75.





Projeto



VOLUME 7
Tocaia
mobral A espreita de um futuro

Esta publicação retrata mais um caso, dentre os muitíssimos existentes neste imenso Brasil, em que o Mobral age buscando seu principal objetivo que é a educação continuada de adolescentes e adultos.

Através do Projeto 28, do qual faz parte esta publicação, pretende-se divulgar casos semelhantes a este aqui relatado, a fim de que outras comunidades e outros brasileiros se sensibilizem e ajam em busca da educação e do desenvolvimento cultural, de modo a participarem como sujeitos na reconstrução da sociedade.